

Políticas Públicas NA Educação BRASILEIRA

Diversidade

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
DIVERSIDADE**

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P769	Políticas públicas na educação brasileira: diversidade / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 227 p. : 2.528 kbytes – (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-93243-76-9 DOI 10.22533/at.ed.769182003 1. Educação e Estado – Brasil – Multiculturalismo. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Série. CDD 379.81
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO I

A AFIRMAÇÃO DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA E A LEI 10.639/03

Érica Monale da Silva Gomes, Paula Paulino da Silva, Suzana dos Santos Cirilo e Ivonildes da Silva Fonseca..... 5

CAPÍTULO II

A ANTROPOLOGIA COMO PONTO DE REFLEXÃO SOBRE A DIVERSIDADE NOS CURSOS DE DIREITO

Rafael Gomes da Silva Carneiro e Brenno Fidalgo de Paiva Gomes16

CAPÍTULO III

A ESCOLA DO CAMPO E OS SURDOS CAMPONESES: IMPASSES E POSSIBILIDADES FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

Tamires de Campos Leite e Nágib José Mendes dos Santos.....25

CAPÍTULO IV

A LITERATURA AFRICANA NO ENSINO DE HISTÓRIA: CONSTRUINDO PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA EM SALA DE AULA

Edmar Ferreira Santos35

CAPÍTULO V

A POLÍTICA DE IGUALDADE DE GÊNERO NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: ASPRIMEIRAS ASPIRANTES NA ESCOLA NAVAL

Hercules Guimarães Honorato.....48

CAPÍTULO VI

A PRODUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA DO CAMPO: CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

Maysa Conceição de Farias Albuquerque, Emanuelle de Oliveira Belisario e Maria Joselma do Nascimento Franco 60

CAPÍTULO VII

ARTE E CONSCIÊNCIA NEGRA: PRODUÇÃO DE SABERES NA INTERFACE ESCOLA E TERREIRO DE UMBANDA

Brenno Fidalgo de Paiva Gomes, Lílian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa e Rafael Gomez da Silva Carneiro 73

CAPÍTULO VIII

BOA ALUNA, MAU ALUNO

Hellen Cristina de Oliveira Alves81

CAPÍTULO IX

CONCEPÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR E A PRÁTICA DE SALA DE AULA SOBRE A TEMÁTICA DA DIVERSIDADE EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DE SÃO LOURENÇO DA MATA – PE

Joel Severino da Silva e Luciana Menezes de Lima Mendes87

CAPÍTULO X

DOMINAÇÃO MASCULINA E ESCOLA PÚBLICA

Alan Isaac Mendes Caballero98

CAPÍTULO XI

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA REFLEXÃO DA PRÀXIS PEDAGÓGICA QUE LEVAM AS ATITUDES DISCRIMINATÒRIA

Suely Marilena da Silva e Fernanda Carvalho Guimarães 110

CAPÍTULO XII

EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENFOQUE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM MURITIBA/BA

Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro, Grasiela Lima de Oliveira, Maria Juliana Chaves de Sousa e Alessandra Alexandre Freixo 128

CAPÍTULO XIII

EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A INCLUSÃO DOS POVOS CIGANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO BRASILEIRO.

Maria Raquel Alves da Rocha 140

CAPÍTULO XIV

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: UMA FRONTEIRA QUE NECESSITA SER DESFEITA

Anna Carla Ferreira de Araújo e Anna Cristina Ferreira de Araújo 152

CAPÍTULO XV

JOGOS COOPERATIVOS E O PROBLEMA DA COEDUCAÇÃO – REFLEXÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Cynthia Nery da Silva, Jéssica Dayane da Silva Martins, Rayane dos Santos Borges, Silvana Nóbrega Gomes e Lígia Luís de Freitas 161

CAPÍTULO XVI

O SILENCIAMENTO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: O AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO BRASIL E NO RECIFE

Isabella Nara Costa Alves 170

CAPÍTULO XVII

O/A DOCENTE DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO/A MONITOR/A EM ALTERNÂNCIA

Grasiela Lima de Oliveira, Alessandra Alexandre Freixo e Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro 182

CAPÍTULO XVIII

OS CONFETOS DAS BICHAS DOCENTES COMO MARCADORES DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

Roberto Vinício Souza da Silva, Rosemary Meneses dos Santos e Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento..... 195

CAPÍTULO XIX

RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINAR A CUIDAR EM ENFERMAGEM: DESAFIOS E OS POSSÍVEIS AVANÇOS NESSE CAMPO DE CONHECIMENTO

Valdeci Silva Mendes e Candida Soares da Costa..... 208

Sobre os autores.....222

**JOGOS COOPERATIVOS E O PROBLEMA DA
COEDUCAÇÃO – REFLEXÕES DE GÊNERO NA ESCOLA**

**Cynthia Nery da Silva
Jéssica Dayane da Silva Martins
Rayane dos Santos Borges
Silvana Nóbrega Gomes
Lígia Luís de Freitas**

JOGOS COOPERATIVOS E O PROBLEMA DA COEDUCAÇÃO – REFLEXÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Cynthia Nery da Silva

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, cynthianery@outlook.com

Jéssica Dayane da Silva Martins

Rayane dos Santos Borges

Silvana Nóbrega Gomes

Lígia Luís de Freitas

RESUMO: O jogo cooperativo em aulas mistas é o ponto de partida para observação do presente estudo, observou-se a relação competitiva que permeia as relações sociais, em especial, entre meninas e meninos. A problemática se deu no momento em que nós precisávamos trabalhar com o tema Jogos Cooperativos, e identificamos em turmas mistas que as aulas se dividiam automaticamente em grupos de meninas e de meninos, dificultavam os procedimentos da aula por não aceitarem a cooperação dos sexos opostos. Foram abordados vários jogos e brincadeiras cooperativas para a realização do tema e para discussão da problemática. Todas as atividades abordadas nas aulas tinham como foco a cooperação, a união, e o trabalho em equipe, evitando-se todos os tipos de eliminação e discriminação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; jogos cooperativos; relações de gênero; coeducação.

1- INTRODUÇÃO

O jogo, universalmente manifestado em diversas culturas, traz representações características do seu povo. Um mesmo jogo ganha forma, regras, e diferentes significados em diferentes regiões pelo mundo. O caráter lúdico do jogar e a manifestação dos seus participantes são apontados por Huizinga, (1938, p. 58) como uma característica que visa a competição para ganhar à frente dos demais, buscando uma afirmação de superioridade ou poder por parte do jogador/a que se sobrepõe aos demais. “Sobre essa base, sustento a ideia da aproximação entre o Jogo e a Vida, compreendendo ambos como reflexo um do outro - Eu Jogo do jeito que Vivo e Vivo do jeito que Jogo”. (BROTTO, 1999, p. 28).

O jogo cooperativo em aulas mistas é o ponto de partida do presente estudo, observou-se a competitividade que permeia as relações sociais, em especial, entre meninas e meninos. A coeducação, que é a educação que ocorre de forma conjunta, foca na igualdade em aulas mistas, porém dentro da educação física essa relação é ainda mais desafiadora. Culturalmente é reforçada a ideia de que meninos, ditos mais habilidosos, irão participar mais das aulas que as meninas. Nas aulas observa-se que os meninos buscam preencher mais espaços na quadra que as meninas, e isso acontece, muitas vezes, pela própria condução do professor/a, que reproduz a ordem machista e androcêntrica de organização da vida.

A divisão social de gênero revela que, desde a primeira infância, os meninos, são considerados mais fortes, habilidosos e, por isso, motivados a “desbravar” o mundo a sua volta, sendo representados, por exemplo, por seus objetos de brincar como carros, espadas, navios, capas mágicas, etc. Noutra direção, as meninas, com suas bonecas e fogões, começam ao longo da primeira infância a serem culturalmente condicionadas para o lar, por aprenderem que são frágeis, sensíveis, compreensivas, medrosas e etc.

Essa divisão de gênero na primeira infância, que começa na vida privada vai sendo reproduzida na vida pública. Com isso, as mulheres que tradicionalmente consideradas frágeis são orientadas para casar, cuidar da casa, reproduzir e cuidar dos/as filhos/as. Entretanto, em algumas situações a força de trabalho feminina foi acionada, por exemplo, se passearmos pela história durante os períodos das duas grandes guerras vamos encontrar as mulheres convocadas para o mercado de trabalho, para realizar ocupações que tinham sido tradicionalmente restritas aos homens. Após as guerras, elas invariavelmente perderam seus empregos na indústria e tiveram que voltar para seus papéis domésticos, para o confinamento das atividades de educar e cuidar, na vida privada. Não sem resistência e muitas lutas, cujo reflexo afirma-se na conquista de direitos.

Com isso, entendemos que trabalhar a coeducação é um exercício desafiador para os/as docentes. É fundamental enxergar que a realidade sociocultural ultrapassa as paredes do lar e chega até o âmbito escolar, essa relação entre privado e público nos faz deparar com crianças cheias de restrições de condutas preconcebidas pela ideia da separação histórica dos gêneros. Isto posto, este estudo objetiva apresentar as reflexões feitas com base em intervenções realizadas durante as aulas de educação física por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, a fim de provocar no alunado de uma escola pública uma mudança de atitude capaz de levá-los/as a compreender que as regras e os ditames sociais repetidos ao longo de gerações não são, de um todo, mais relevantes aos dias atuais, em particular pelas conquistas das mulheres em diferentes campos, na educação em geral e na educação física em particular, que tem procurado atuar com base na equidade de gênero.

2- METODOLOGIA

Esta proposta trata-se de um relato de experiência, que apresenta reflexões sobre como as questões de gênero em aulas de educação física a partir do tema de Jogos Cooperativos, o que nos impõe o desafio de, na atualidade, trabalhar com a perspectiva da coeducação.

Nossa experiência ocorreu a partir da convivência com alunos/as de uma escola pública, na região metropolitana de João Pessoa, onde fomos atuar como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. E tivemos como participantes amostra crianças de ambos os sexos, com idades entre seis e onze anos.

A problemática se deu, no momento em que nós precisávamos trabalhar com o tema Jogos Cooperativos. Já no início das atividades com o tema, notamos que

embora as aulas da escola fossem orientadas para a organização das turmas de forma mista, durante as aulas as crianças se dividiam automaticamente em grupos de meninas e de meninos, apresentando dificuldade de seguir os procedimentos da aula por não aceitarem a união dos sexos em grupos.

Durante o período de trabalho com o tema foram feitos os seguintes jogos e brincadeiras cooperativas:

FUTEBOL DE DUPLA

Assim como o futebol tradicional este jogo tem como objetivo a realização de gols, contudo, deve acontecer com formação de duplas, que devem ficar na mesma formação durante todo o desenrolar do jogo, com uma das mãos segurando a do colega. Sabe-se que o futebol em si é um esporte coletivo, porém competitivo. Por isso, de maneira adaptada, visamos trabalhar a cooperação, já que esse era o objetivo do tema.

PEIXINHO NA REDE

Essa brincadeira, visa a reunião de crianças dispostas em um círculo, formando assim uma “rede”, e outra parte das crianças espalhadas pela quadra como “peixinhos” com o objetivo de passar pela rede sem ser capturado. Assim trabalhando a percepção em conjunto, só com interação de todos do grupo “rede”, é possível capturar todos os peixinhos, fazendo desse o objetivo da brincadeira.

VOLENÇOL

Com as turmas despostas em alguns grupos e com posse de lençóis, o volençol tem como objetivo trabalhar o passe da bola de um grupo para o outro, usando apenas o lençol, tanto para lançar, quanto para receber a bola. Assim, os alunos precisam estar bem integrados sobre movimentos, e decisões para atingir o objetivo.

CIRCUITO COOPERATIVO

Nessa proposta de atividade os alunos começaram dispostos em duplas, onde era colocada uma bola no meio da dupla, que não deveria ser apoiada com os membros, apenas com a compressão dos troncos, assim eles passavam por diversos obstáculos tentando não deixar a bola cair, a cada rodada era acrescentada uma criança a equipe, que passava de dupla para trio e depois quarteto.

COELHINHO NA TOCA

Em dupla, ao comando ‘coelhinho na toca’, os alunos tinham que correr para um dos círculos dispostos ao chão, e realizar alguns movimentos falados pelo professor. Os círculos estavam em um número a menos que a quantidade de duplas, fazendo assim que uma dupla sempre ficasse sem ‘toca’. O objetivo era que a dupla corresse e chegasse junta a sua toca. O jogo era recomeçado a cada rodada, sem eliminação.

TOCA GELO

Trabalhamos a proposta do toca gelo devido a insistência, por parte dos alunos, de se vivenciar um “pega”. Então o adaptamos para que houvesse a colaboração entre os participantes, adotamos o toca gelo onde o aluno que fosse tocado seria congelado e só descongelaria e voltaria ao jogo se fosse abraçado por um colega. Fazendo assim, haver um trabalho cooperativo, onde ninguém ganha ou perde.

Todas as atividades abordadas nas aulas tinham como foco, a cooperação, a união, e o trabalho em equipe, evitando-se todos os tipos de eliminação e discriminação. Os jogos propostos foram realizados sempre em equipes mistas, de meninos, meninas, deficientes e não-deficientes, alunos e professores.

O jogo cooperativo elucidava a ideia que os desafios devem ser superados coletivamente. Estimula a partir do jogar uma prática social colaborativa. Incentiva a reflexão onde mostra que todos podem ganhar e para isso, o ideal é jogar uns com os outros, e não uns contra os outros. Ao olhar para o contexto sociocultural que estamos inseridos, com forte resistência do androcentrismo, analisamos o comportamento das crianças durante o trabalho com a temática citada. A inquietação seguiu-se ao observarmos forte resistência por parte dos alunos que relutaram em cooperar com colegas do gênero oposto, em especial, quando os meninos precisavam colaborar com as meninas. Com dificuldade em mediar esses conflitos, nós como docentes em formação sentimos a necessidade de intervenções diretas durante as aulas e um estudo mais aprofundado sobre a resistência do cooperar e as questões de gênero.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico passamos a discutir os resultados do trabalho com a temática. Observamos, a partir do relato de algumas crianças, o desafio do trabalho nas aulas mistas, em particular porque nestas situações emergiram as marcas de gênero, a expectativa dos estereótipos comportamentais de meninos e meninas, ou a inquietação com quem rompe com os padrões de gênero. Através das atividades, jogos e brincadeiras, eles mostravam, por vezes, até certo repúdio pelo sexo oposto, impondo barreiras que dificultavam a realização das tarefas, alguns por não se sentirem a vontade com interação entre meninos e meninas. Na maioria das vezes,

era recorrente o discurso de que *meninas não sabem jogar e são muito frágeis*, ou que *os meninos são violentos e só querem mandar*.

Essas querelas infantis acabam se tornando o nosso primeiro desafio. Diante de situações alguns questionamentos emergiam entre nós: Como a aprendizagem do ser menina e menino da educação familiar, fundamentada em valores e crenças chega até a escola e atravessa o currículo escolar? Como desconstruir certos mitos, de maneira a levar a turma aprender a aceitar o/a outro/a como ele é respeitando-o/a? Em que situações os meninos são frágeis e as meninas só querem mandar? Essas e outras perguntas pululavam as nossas cabeças, a cada encontro.

Dessa caminhada selecionamos algumas falas encontradas numa avaliação feita após algumas vivências. Para não revelar a identidade das crianças, doravante utilizaremos as letras A e B para indicar a fala de duas crianças, acompanhadas das letras F para feminino e M masculino. Cerca de 40 crianças responderam a avaliação, escolhemos para esse texto as respostas que de certa maneira fazem menção as questões que nos propomos a discutir.

FA- *“jogos cooperativos é legal, mas jogos com os meninos é chato, querem fazer tudo sozinho ai fica chato.”*

MB- (...) *“não foi fácil brincar com as meninas no futebol, ficavam chutando as canelas da gente e também a gente ia para um lado e elas iam para o outro”* (...) Na perspectiva de analisar e compreender como se relacionam e expressam na linguagem, nos gestos, nos corpos e signos que identificamos a reflexão de Scott (1995, p.86) quando ela afirma que *“Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. É a forma primária de dar significado as relações de poder”*. Essa forma de organização da vida social que hierarquiza as relações entre homens e mulheres e que se reproduz por toda a sociedade, se revelando em diferentes desigualdades que marcam a vida de homens e mulheres vai se reproduzindo também na escola em diferentes situações curriculares, entre as quais, as aulas de educação física.

Durante nossas aulas buscávamos observar como se davam as relações de gênero no contexto dos jogos cooperativos. Houveram diversos questionamentos por parte da turma quanto à *“obrigatoriedade”* em fazer parte de um grupo formado por meninas e meninos. Foram abertos espaços e momentos para reflexão das práticas comportamentais, durante os diálogos mediados pelas docentes em formação, existiam discursos que diferenciavam as habilidades motoras e capacidades de resolução de problemas, como sendo característico mais de menino ou de menina, isso era discutido entre os/as alunos/as, fazendo com que eles/elas mostrassem suas opiniões refletindo sobre elas. Logo, a diferença que enxergavam era meramente biológica.



Foto 1- Corrente humana

Fonte: Acervo produzido pelas autoras

A partir desses desafios, nos vimos na obrigação de intervir e contribuir de alguma maneira para a formação para equidade de gênero das crianças, como o tema que tinha nos sido proposto era os jogos cooperativos, partimos para trabalhar o tema focando numa condução que problematizassem as relações de gênero. Portanto, ficou como regra que os jogos fossem realizados em equipes mistas, assim todas as aulas ministradas eram conduzidas de tal maneira que sempre fosse levantada a discussão, a crítica, e por fim, a resolução dos problemas.

Levamos o tema às professoras de sala de aula, que conheciam mais a fundo as questões de cada um/a deles/delas, a fim de perceberem o quanto os problemas de gênero também afetavam o desenvolvimento de aulas harmoniosas na sala, nas quais todos/as pudessem participar. Dessa maneira, o tema foi debatido não só nas aulas de educação física, mas também ao longo da semana em outras aulas. E de volta à quadra de esportes, nas aulas práticas, os/as alunos/as tinham a responsabilidade de lidar com as suas diferenças e com as dificuldades de cada um/uma, e de maneira respeitosa solucionar os desafios que lhes apresentávamos.

Ao longo das aulas, a partir das rodas de discussões e na condução mista das atividades fomos percebendo percebidas algumas mudanças no agir e nas opiniões por parte de alguns/algumas, encarando as situações que revelassem desigualdade de gênero e buscando outros caminhos mais equitativos da participação de ambos os sexos durante as aulas práticas.

Essa mudança de postura pode ser encontrada na fala de um garoto do 4º ano, sobre o futebol com as meninas:

(...)“eu gostei do futebol com as meninas, porque eu ensinei a elas” (...)



Foto 2 – Futebol de Dupla
Fonte: Acervo produzido pelas autoras

Ao escrever sobre o tema Candau, et al (2006, p.24) afirma que:

A instituição escolar representa um microuniverso social, que se caracteriza pela diversidade social e cultural e por, muitas vezes, reproduzir padrões de conduta que permeiam as relações sociais fora da escola. Desse modo, as formas de se relacionar com o outro, na escola, refletem as práticas sociais mais amplas. Podemos dizer que, ainda que valores como igualdade e solidariedade, respeito ao próximo e às diferenças estejam presentes no cotidiano da escola, outros mecanismos, talvez mais sutis, revelam que preconceitos e estereótipos também integram o cotidiano escolar

4- CONCLUSÃO

A experiência das docentes elucidada a ideia da escola como subproduto da sociedade. E se ela é um subproduto que reproduz as mazelas sociais pode ser também, sem dúvida, o lugar ideal para se trabalhar, se refletir, e se questionar sobre a hegemonia cultural, o machismo e o sexismo, ou seja, um lugar importante de questionamento das regras e comportamentos sociais excludentes. Nesta direção, enquanto espaço da diversidade de gênero, de raça/etnia, de crenças, de geração, de classe, de cultura, a escola deve pautar seu trabalho no acolhimento e no respeito as diferenças.

A respeito da problemática de relação de gênero, enxergamos que a partir do estímulo mediado pelas professoras nas aulas de Educação Física, o trabalho em equipes mistas tornou-se mais flexível, entendendo assim que a coeducação deve ser persistida diariamente, com a intenção de se manter uma relação de respeito e equidade entre os sexos.

Por fim, a temática jogos cooperativos foi trabalhada com sucesso e os objetivos foram se consolidando no decorrer das aulas. As crianças compreenderam de fato o que significa cooperar e qual a importância de se trabalhar em equipes, mistas ou não.

REFERÊNCIAS

BROTTO, Fábio Otuzi et al. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência.** 1999.

FINCO, Daniela F. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil.** Pro-posições, v. 14, n. 3, p. 89-101, 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** Editora da Universidade de S. Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

JESUS, Mauro Louzada de; PRIES DEVIDE, Fabiano. **Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes.** Movimento, v. 12, n. 3, 2006.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** Cadernos Cedes, ano XIX, n. 48, 1999.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. **Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito.** Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, v. 1, p. 93-106, 1998.

ABSTRACT: In mixed classes, the cooperative game is the starting point for looking into this study. It was noticed a competitive relation that spreads through social relations, unfarrilly noticed between girls and boys. The problem happened when we needed to work with Cooperative Games, right away we identified in mixed classes that it was automatically divided into groups of girls and boys. This separation hardened the class procedures because they did not accept the cooperation of the opposing sexes. A number of cooperative games and plays were approached for the theme and discussion of the problem. All the activities covered in the classes focused on cooperation, union, and teamwork, avoiding all types of elimination and discrimination.

KEYWORDS: Physical Education, cooperatives games, gender relations; co-education.

Sobre os autores:

Alan Isaac Mendes Caballero Mestrando no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação na UNICAMP, cuja linha é Ciências Sociais. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Educação e Sociedade (GPPES) da mesma faculdade. Graduado em 2017 pela Faculdade de Educação da UNICAMP em Pedagogia. Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa pelo Estado de São Paulo (FAPESP) durante o período da Iniciação Científica. E-mail para contato: alanisaac09@gmail.com.

Alessandra Alexandre Freixo Possui Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e Doutorado em Ciências Sociais pela UFRRJ (2010). Atualmente é Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando principalmente nas seguintes temáticas de pesquisa: educação e ruralidades, imagens e narrativas no mundo rural, estudos de cultura e mundo rural, ensino de ciências no contexto da educação do campo.

Anna Carla Ferreira de Araújo Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

Anna Cristina Ferreira de Araújo Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do projeto de extensão PIPEX, UFPE. Trabalha na área de biologia vegetal com ênfase em biologia de Briófitas.

Brenno Fidalgo de Paiva Gomes Graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: brenno.fidalgo@gmail.com

Candida Soares da Costa Professora da Universidade Federal de Mato Grosso; Membro do corpo docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação E-mail: candidasoarescosta@gmail.com

Cynthia Nery da Silva Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); cynthianery@outlook.com

Edmar Ferreira Santos Professor da Universidade do Estado da Bahia. Membro do corpo docente do Programa de Especialização em Educação e Diversidade Étnico-Racial do Departamento de Ciências Humanas, campus VI da Universidade do Estado

da Bahia. Graduado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia, programa onde atualmente desenvolve pesquisa de doutorado com apoio do Programa de Bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. E-mail: estudosafricanos.edu@gmail.com

Emanuelle de Oliveira Belisario Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: emanuelleoliver@hotmail.com

Érica Monale da Silva Gomes Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: mmonale009@gmail.com

Grasiela Lima de Oliveira Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2015) e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2012). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA (Previsão de término – 2018). Participa do grupo de pesquisa Carta Imagem, coordenado por Alessandra Freixo. Bolsista CNPQ. Atua principalmente nas seguintes áreas: ensino de ciências no contexto da educação do campo, narrativas, educação e ruralidades, formação docente.

Hellen Cristina de Oliveira Alves Professor da Faculdade Afonso Mafrense; Psicóloga do Instituto Federal do Piauí; Graduação em Psicologia pela Faculdade Santo Agostinho; Mestranda em Educação pela Anne Sullivan; E-mail para contato: hellencrisss@gmail.com

Hercules Guimarães Honorato Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ), ano de conclusão 2012. Graduação em Ciências Navais com Habilitação em Administração pela Escola Naval (ano de conclusão - 1982). Especializações em: Gestão Internacional (2007) e MBA Logística (2009) pelo Instituto COPPEAD de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Docência do Ensino Superior (2008) pelo Instituto a Vez do Mestre da Universidade Cândido Mendes, RJ. Doutor e Mestre em Política e Estratégia Marítimas pela Escola de Guerra Naval (EGN) - Rio de Janeiro, anos de conclusão 2007 e 1999 respectivamente. Diplomado pela Escola Superior de Guerra (ESG) do Rio de Janeiro no Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE-2010). Professor convidado da Escola Superior de Guerra desde 2009, dos Cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia e Logística e Mobilização Nacional. Assessor Especial do Superintendente de Ensino da Escola Naval (EN) desde set. 2012 e professor da Disciplina de Metodologia da Pesquisa da mesma IES militar. E-mail para contato: hghhhma@gmail.com

Isabella Nara Costa Alves Graduação em Pedagogia pela Faculdade dos Guararapes; Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em raça, gênero e sexualidades Audre Lorde (GEPERGES); E-mail para contato: isabella.athos@live.com

Ivonildes da Silva Fonseca Possui graduação em Biblioteconomia e documentação pela Universidade Federal da Bahia (1979), graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1990), graduação em Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1992), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1995) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Atualmente é professora horista do Centro Universitário de João Pessoa, professor titular da Universidade Estadual da Paraíba, colaboradora - Bamidelê - Organização de Mulheres Negras na Paraíba, coordenadora - Bamidelê - Organização de Mulheres negras na Paraíba, voluntária do Instituto de Referência Étnica e efetivo da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: mulher negra, educação e etnia, escola e sociedade, racismo e legislação. Grupo de pesquisa: Dandê: educação, gênero e representações afro-brasileiras. Email: vania_baiana@hotmail.com

Jéssica Dyane da Silva Martins Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); jessicamartinsjp@outlook.com

Lígia Luís de Freitas Professor da Universidade – Centro Universitário de João Pessoa; Membro do corpo docente da Graduação – Centro Universitário de João Pessoa; Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, com sanduíche na Universidade de Barcelona, na área de currículo. Núcleo/Grupo de pesquisas: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM); Grupo de pesquisa interdisciplinar Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde (MUCGES)

Lilian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; e-mail: gabriellaufpi@outlook.com.br

Luciana Menezes de Lima Mendes Graduação em andamento em Pedagogia. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil. Ensino Médio (2º grau). Dona Leonor Porto, DLP, Brasil

Maria Joselma do Nascimento Franco Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo -USP (2005), professora associada da Universidade Federal de Pernambuco, Coordenadora (Pibid) fomentado pela CAPES - Subprojeto Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste, pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea - PPGEduc. Email: mariajoselmadonascimentoofranco@gmail.com

Maria Juliana Chaves de Sousa Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Centro de Estudos e Documentação em Educação – CEDE da UEFS.

Maria Raquel Alves da Rocha Atualmente desenvolve pesquisas sobre cultura cigana, abrangendo a performance nos rituais ciganos e suas manifestações artísticas. É professora do curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Piauí - UFPI e cursa mestrado em Antropologia, pela UFPI. É graduada em Licenciatura em educação artística, com habilitação em Artes Plásticas; é especialista em Arteterapia em Educação e também especialista em Dança e consciência corporal. É docente da Secretaria de educação e cultura do estado do Piauí (SEDUC-PI). A autora é artista designer e bailarina e já desenvolveu trabalhos em danças ancestrais no estado do Piauí. Seu e-mail é raquelalvesrocha@hotmail.com

Maysa Conceição de Farias Albuquerque Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: maysa.albuquerque@outlook.com

Nágib José Mendes dos Santos Professor da Universidade Federal de Alagoas/UFAL – Campus A.C. Simões; - Membro do corpo docente do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. Graduação em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas. Mestrado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/CEDU/ Universidade Federal de Alagoas. Participante do Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos em Educação e Diversidade – NEEDI. E-mail para contato: nagibem@gmail.com.

Osmar Barbosa dos Santos Ribeiro Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Maria Milza – FAMAM e em Letras Português/Inglês Pelo Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR; especialista em MBA Gestão de Pessoas e em Gestão Escolar pela Faculdade Batista Brasileira - FBB, em Educação do Campo e Desenvolvimento Rural Sustentável pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias – FAC; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Carta-Imagem - UEFS; bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Atuando principalmente nos seguintes temas: educação do campo, projeto político pedagógico, práticas pedagógicas em ambiente hospitalar, educação e formação docente. E-mail para contato: osdi.art@hotmail.com.

Paula Paulino da Silva Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: paulinha.s90@hotmail.com

Rafael Gomez da Silva Carneiro Graduação em Direito pela UNINOVAFAPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: rafaelgomezcarneiro@gmail.com

Rayane dos Santos Borges Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); santosborges1897@outlook.com

Roberto Vinicio Souza da Silva Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí UESPI – Campus Parnaíba – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventudes (NEPJUV/UFPI-Parnaíba)

Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Campus Parnaíba – Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI) – Professor do Município de Luis Correia - PI

Rosemary Meneses dos Santos Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco – RJ – Especialista em Libras pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Teresina – FACET/CCTP e Especialista [Psicopedagogia](#) pela ISEPRO em Parnaíba. Professora do Município de Tutóia - MA

Silvana Nóbrega Gomes Professora do Centro Universitário de João Pessoa; Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; Mestre Em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Doutora em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)-Coordenadora pedagógica. Silvana.n.g@hotmail.com

Suely Marilene da Silva Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais Instituição Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Formação em Pedagogia pela Instituição Universidade Vale do Acaraú – UVA; Pós-graduada em Gestão Escolar e Coord. Pedagógica Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup; Pós-graduada em Psicologia Organizacional e do Trabalho Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup

Suzana dos Santos Cirilo Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: suzana.182009@hotmail.com

Tamires de Campos Leite Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. Graduanda do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. E-mail para contato: ttamireslleite@gmail.com.

Valdeci Silva Mendes Técnico Administrativo em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação: em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorando: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação; E-mail: valdeciconexoes@ufmt.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-77-6

